Jornal do Professor

Adufg SINDICATO

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS – ANO II – Nº 11 – DEZEMBRO DE 2013

EDITORIAL

Boa sorte em 2014

O ano de 2013 fica para trás, será lembrado como história. A vida continua e novos desafios deverão ser enfrentados. Na nossa memória, o ano que passou deixa marcado um forte exemplo de cidadania ativa: as manifestações públicas entre maio e junho de 2013, quando o Brasil explodiu, levando milhares de pessoas às ruas. Infelizmente, as manifestações encolheram com as ações de depredações. A violência da polícia e dos *black blocs* afastou o povo das ruas.

O **JP** termina o ano com uma edição especial em que publica uma extensa entrevista com o professor Edward Madureira Brasil. O reitor em final de mandato faz um balanço do conjunto da UFG nos últimos oito anos, fala sobre as mudanças administrativas, a participação dos docentes no crescimento extraordinário da universade. E aproveita para dissecar sua maneira de tocar a administração.

Na seção "Professor Entrevista Professora", a presidente da Fapeg, Maria Zaira Turchi, fala a Jesiel Freitas sobre a importância e o que deve ser feito para consolidar a agência de fomento goiana. Esmiuça valores investidos em pesquisadores, falam das parcerias com agências nacionais e órgãos ministeriais, da importância do recém-inaugurado CRTI para a ciência feita no Estado e muito mais.

Finalmente, o **JP** faz uma homenagem ao respeitado professor da FCS Francisco Chagas Rabelo, além de um *flash* sobre os 35 anos da fundação da Adufg. Data histórica para um sindicato que nasceu da luta dos nossos pioneiros. Entramos na idade em que a reflexão e a ação devem caminhar juntas. Um caminho, duas bandeiras prioritárias: consolidar a carreira docente e melhorar as nossas condições de trabalho.

Feliz 2014.

A luta continua!

Contato com a redação

(62) 3202-1280

jornaldoprofessor@adufg.org.br

Fotos: Macloys Aquino

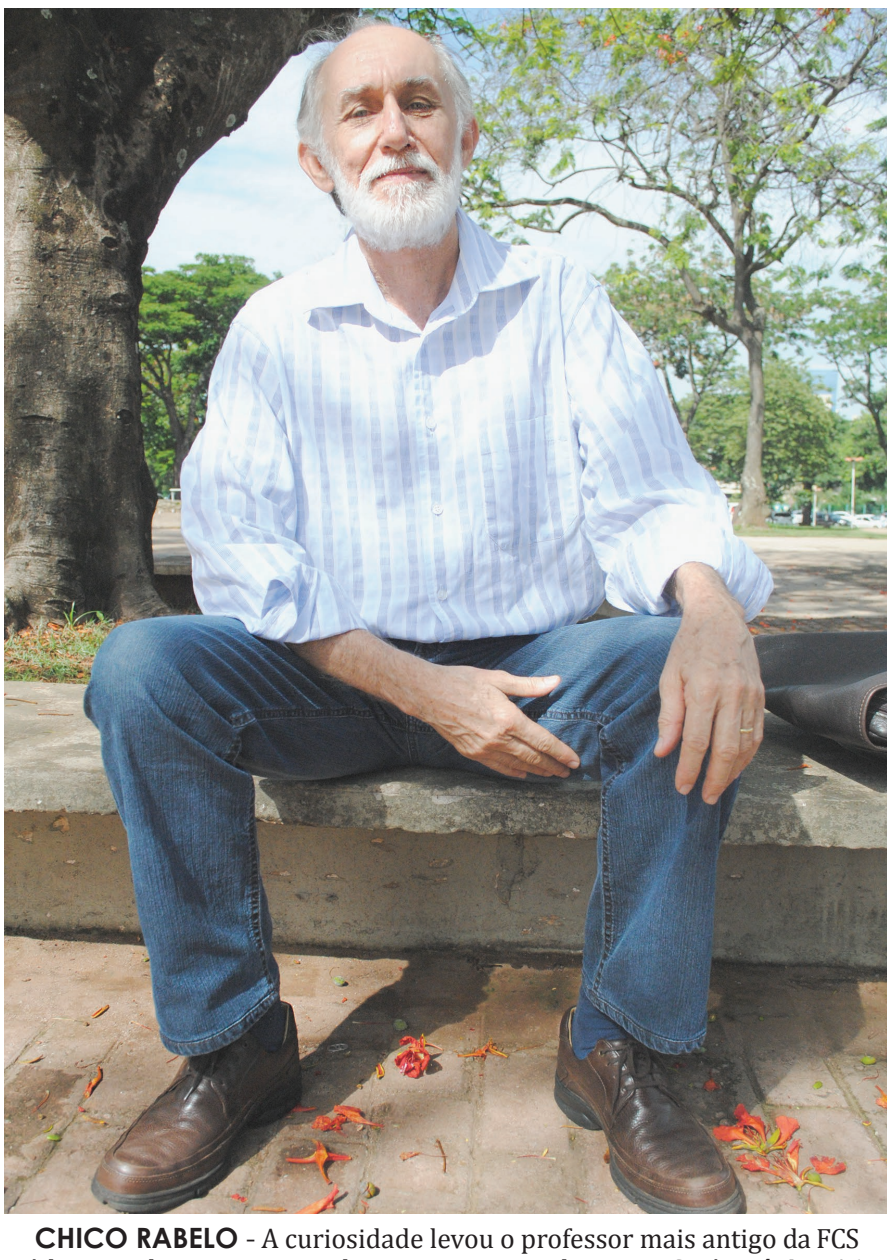
Fapeg

OS DESAFIOS DA CONSOLIDAÇÃO

Jesiel Freitas Carvalho (esq.), do IF, entrevista a presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, a professora da FL Maria Zaira Turchi (dir.). Ela fala sobre a agência ontem e hoje, e projeta os obstáculos a serem superados. Dentre eles, dar infraestrutura física e dotar a fundação de servidores. E o mais importante: garantir os repasses do recurso financeiro em forma de duodécimos, o que daria agilidade ao fomento e autonomia à entidade. **Páginas 4 e 5**

A administração das portas abertas

Os oito anos do professor da Escola de Agronomia Edward Brasil (*foto*) deixam o legado de uma administração superior acessível e presente. Suas gestões coincidem com o Reuni, período em que a UFG mais cresceu em toda sua história. Em entrevista, ele conta detalhes da sua forma de administrar. **Páginas 8 a 13**



CHICO RABELO - A curiosidade levou o professor mais antigo da FCS à busca pela compreensão do pensamento moderno em Goiás. **Página 16**

OPINIÃO

"*Este novo gigante chamado UFG deve ser conhecido pelo que faz, não apenas pelos números*"
Eugênio de Araújo e **Marcos B. Café**

★

"*A ciência na UFG precisa ser mais ousada. Devemos trabalhar mais para consolidar a pesquisa*"
Ronaldo A. Garcia

PRPPG DESMEMBRADA EM DUAS PASTAS **Página 6**

35 ANOS DE HISTÓRIA DA ADUFG **Página 7**

Os desafios da nova administração superior da UFG

Eugênio G. de Araújo*

Marcos Barcellos Café*

A Universidade Federal de Goiás passa por um período ímpar de sua história. Nos últimos anos, experimentamos um crescimento notável e podemos dizer que chegamos ao patamar de uma grande universidade brasileira. A comunidade soube fazer uma leitura eficiente dos objetivos do governo federal ao lançar o Reuni (programa de expansão das universidades federais), possibilitando que nossa universidade se tornasse um exemplo nacional de aplicação dos recursos destinados a esse programa. O fato é que a UFG alcançou números de crescimento expressivos, tendo mais do que dobrado o número de professores, de estudantes e de área física. E agora? Diz o ditado popular que "depois da tempestade vem a bonança"... E depois da bonança? Será que viria outra tempestade? Esse é o nosso cenário atual. O grande desafio da nova administração superior da UFG é consolidar essa expansão em um cenário futuro repleto de desafios a serem vencidos.

Em face a este crescimento vertiginoso, é natural que a primeira pergunta seja: e o desafio da qualidade? Esse é uma busca concreta para todas as Ifes, que deve ser enfrentada todos os dias com planejamento bem definido. A qualidade não pode ser uma questão meramente retórica, presente em todos os discursos e esquecida nas ações do dia-a-dia. Qualidade pressupõe objetivos definidos, cobranças do cumprimento de metas, definição de responsabilidades e competências. Se nosso egresso não possui competência profissional, se nossa pesquisa não é publicada, se nossa ação de extensão não melhora as condições de vida de nossa comunidade, enfim, se não conseguimos cumprir nosso papel educador e transformador na sociedade, temos que repensar nosso conceito de qualidade. Dessa forma, um desafio da nova administração e de toda a comunidade universitária é que este novo gigante chamado UFG seja cada dia mais conhecido nos âmbitos regional, nacional e internacional pelo que faz, e não apenas pelo que é em termos de área física, número de professores e número de alunos.

> "Um desafio é que este novo gigante chamado UFG seja mais conhecido nos âmbitos regional, nacional e internacional pelo que faz, e não apenas pelos números"

Temos o desafio da pesquisa, da pós-graduação e o da inovação. Mesmo sem programas como o Reuni, a pós-graduação na UFG cresceu a olhos vistos nos últimos 10 anos, trazendo consigo a pesquisa e, mais recentemente, a inovação. Pela sua própria característica de possuir fontes próprias de financiamento, pela existência de um processo sistemático de avaliação institucional a nível nacional e pela cada vez maior qualificação de nossos pesquisadores, essas áreas tendem a se expandir ainda mais nos próximos anos. No entanto, esse crescimento pode ser prejudicado se novas soluções administrativas não forem colocadas em prática. Um exemplo é a questão da utilização dos recursos oriundos da Capes para a pós-graduação. Para utilizar esses recursos, o pesquisador precisa, além de escrever seus projetos, realizar os experimentos, ministrar suas aulas e orientar seus alunos, obter três orçamentos do reagente que necessita, inserir no "Solicite", esperar o pregão, torcer para que seja comprado o reagente certo no preço justo. Como ser competitivo em um sistema assim? Como publicar, como inovar? A nova administração deve ouvir mais os pesquisadores e buscar soluções efetivas, que simplifiquem e não sobrecarreguem quem quer pesquisar, buscando dentro dos limites legais, soluções criativas para maximizar o emprego do recurso público destinado à pesquisa e inovação.

> "A nova administração deve ouvir mais os pesquisadores e buscar soluções efetivas, que simplifiquem e não sobrecarreguem quem quer pesquisar, buscando soluções criativas"

Ampliamos significativamente nossa área construída, mas assim como tínhamos antes do Reuni, continuamos a ter o desafio da manutenção. Convivemos com prédios novos e antigos com necessidade de amplas reformas. Para alguns prédios antigos, os custos das reformas se aproximam do custo de um prédio novo. Temos graves problemas de fornecimento e na qualidade de energia elétrica tanto nos campus I e II, deficiência crônica da UFG que, com a rápida ampliação, se tornou grave a ponto de comprometer o funcionamento de equipamentos diversos e danificando aparelhos de alto custo. Recentemente escancarou-se a precariedade das condições de trabalho em diversos locais da UFG, em grande parte resultado da manutenção insuficiente das estruturas prediais. Nesse contexto, a nova gestão tem o desafio de executar uma grande transformação no conceito de manutenção, buscando possivelmente uma nova estrutura administrativa, aliviando as responsabilidades do atual Cefef, sob pena de um colapso total e iminente da manutenção patrimonial da UFG.

Outro desafio a ser enfrentado é a relação da administração superior com as administrações das unidades acadêmicas. É importante lembrar que as pró-reitorias de ensino, de pesquisa e de extensão não realizam ensino, pesquisa e extensão. Quem o faz são as unidades acadêmicas. Assim, o desafio dessas e das outras pró-reitorias deve ser o de facilitar a realização dessas atividades, resistindo à tentação de centralizar ou burocratizar as mesmas, disfarçadas em forma de "controle administrativo". Essa percepção é fundamental para que haja sinergismo entre a administração central e os que executam as atividades-fim na UFG.

O cenário político interno e externo também impõe desafios. Internamente, o aumento significativo no número de docentes e de alunos, além do crescimento dos campus do interior, tem causado um impacto nas relações político-administrativas, que só tende a crescer nos próximos anos. As profundas modificações que redesenharam a UFG devem trazer em seu bojo o fim de um inusitado período de unanimidade política. No plano nacional, caso as perspectivas para os próximos anos se confirmem, poderemos ter um período mais conturbado, com dificuldades na economia e cenários favoráveis a greves de servidores docentes e técnico-administrativos, enquanto esperamos que do pré-sal possam vir mais recursos.

Embora tenhamos todos esses desafios pela frente, o fator primordial de toda essa engrenagem administrativa é o componente humano, são as pessoas que fazem acontecer. A futura equipe dirigente da UFG, capitaneada pelo professor Orlando do Amaral, é composta de pessoas que conhecem esses desafios elencados e possuem condições de conceber e executar, com o auxílio de toda a comunidade da UFG, as soluções para os problemas atuais. Pelo que se conhece de sua qualificação profissional, esperamos que os membros dessa nova equipe se dediquem não a projetos políticos pré-concebidos ou vaidades pessoais, mas construam soluções dialogadas e baseadas nos anseios e vontades das maiorias, sem esquecer ou deixar de ouvir as minorias.

Administrar a UFG é uma tarefa complexa e trabalhosa. Temos enormes responsabilidades com o ensino, com a pesquisa e com a extensão, sem descuidar da cultura, da assistência estudantil, da infraestrutura e da harmonia do ambiente de trabalho e de ensino. É muito importante que as decisões a serem tomadas sejam sempre democráticas e colegiadas, sem a centralização da tomada de decisão, infelizmente tão comuns nesse País que cultua os "salvadores da pátria". Se a nova direção da UFG procurar uma forma de administrar buscando inverter a lógica perversa de centralizar o bônus e terceirizar os ônus, certamente os desafios serão vencidos e teremos uma UFG cada vez mais forte, competente e pronta para cumprir a sua missão na sociedade.

Professores da Escola de Veterinária e Zootecnia da UFG

A UFG do futuro: perspectivas e desafios

Ronaldo A. Garcia*

Desafiado a emitir uma opinião sobre as perspectivas do próximo reitorado (2014-2017), me pergunto se deveria fazer uma análise da UFG ou do futuro da educação no Brasil.

Observando a história da UFG temos um sentimento de estar observando um constante avanço nas suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. É notório que a UFG sofreu uma grande expansão nos últimos 30 anos, especialmente nos últimos 10 anos. A UFG hoje é constituída de seis campus e outros dois devem ser construídos (previsão 2013-2014). O atual momento de expansão aconteceu por dois fatores determinantes, na minha opinião: capacidade instalada de recursos humanos que assumiu o desafio de implementar o programa Reuni e o grande aporte de recursos financeiros destinados a este fim. Avaliamos que a UFG acertou e corrigiu rumos quando optou pelo modelo adotado de expansão na graduação, não sendo seduzida pelos Bacharelados Inter-disciplinares (BI). Novos problemas acadêmicos e administrativos surgiram, especialmente pela falta de sedimentação e natureza do processo transitório – obras, processos, licitações, resoluções, estatuto, etc. Não resolvemos problemas em definitivo, cada problema resolvido gera outro e assim é o nosso ciclo herdado das gerações anteriores. O atual momento da UFG é singular, em particular pela mudança de gerações e pela grande expansão no seu quadro docente e discente. Aos 53 anos, passa, historicamente, por um momento crítico, pois as novas gerações não presenciaram sua evolução, desconhecem sua história e a memória é pouco preservada, pouco valorizada e pouco difundida.

Observamos que no primeiro reitorado da professora Milca Severino (1998-2001) já estava presente no seu plano de gestão dobrar o número de vagas na graduação. À época, ponderei que seria impossível em quatro anos atingir esta meta. E claramente pela falta de recursos financeiros substanciais.

Feito este comentário, avaliamos que poucos estudos foram realizados sobre os motivos que o governo federal deixou de conduzir a Reforma Universitária e optar pelo Reuni. Lembram-se de 2005 e a atual conjuntura política/social no País? A proposta de reforma universitária em pauta era adequada? O tema reforma universitária virá à tona após uma avaliação do programa Reuni? Como a universidade brasileira irá escolher entre novas encruzilhadas?

No futuro imediato, seguindo o fluxo normal, não vislumbro grandes mudanças que o novo reitorado poderá implementar na nossa universidade. O Plano de Desenvolvimento Institucional da UFG (2011-2015) está em curso e o Plano Nacional de Educação (2011-2020), que prevê 10% do PIB para a educação, ainda tramita no Senado.

Por outro lado, gostaria que várias coisas acontecessem. Deveríamos ter mais vida universitária na UFG e uma maior presença da UFG na definição de políticas públicas no nosso Estado e nos nossos municípios. A extensão desenvolvida na UFG deveria focar suas ações na elaboração de estudos, cenários e assessoria técnico-científica institucional. Devemos tomar ações para diminuir as desigualdades regionais, inclusive dentro da UFG.

> “Não vislumbro grandes mudanças para o novo reitorado implementar. O Plano de Desenvolvimento Institucional da UFG está em curso e o Plano Nacional de Educação ainda tramita no Senado”

No ensino, além de formar bem, devemos obter um compromisso da sociedade organizada para com os cursos de formação de professores (licenciaturas). A boa qualidade na educação não será possível sem professores bem formados e valorizados profissionalmente e consequentemente competentes para a execução de currículos bem estruturados.

A ciência desenvolvida na UFG precisa ser mais ousada. Devemos correr mais riscos. Fizemos grandes progressos nos últimos 40 anos (criação dos primeiros cursos de pós-graduação), mas devemos trabalhar muito e muito para consolidar a pesquisa e a pós-graduação.

Se for mantida a estrutura multi campus, gostaria de vislumbrar a UFG com pelo menos quinze campus harmonicamente integrados (já temos dois em Goiânia, dois em Jataí, um em Catalão e um em Goiás).

As novas gerações devem trabalhar duro para colocar a UFG no cenário internacional, quiçá colocando-a entre as 600 primeiras melhores universidades mundiais no ano 2060. O primeiro passo é colocá-la entre as 12 melhores universidades brasileiras até 2020. Hoje estamos na 91ª posição num ranking das universidades da América Latina. Como realizar tudo isso? Dependerá da próxima reitoria e de todos nós. Boa sorte ao professor Orlando do Amaral e à sua equipe na condução da UFG nos próximos quatro anos.

*Professor do Instituto de Matemática e Estatísica (IME-UFG)

CURTAS

Propostas da Comissão de Insalubridade são aprovadas

O Conselho Universitário (Consuni) aprovou por unanimidade no dia 20/12 as ações sugeridas pela comissão de insalubridade. O documento propõe ações de curto, médio e longo prazo, e é fruto da mobilização das categorias por melhores condições de trabalho e percentuais justos. Também foram apresentadas algumas das inconsistências da Orientação Normativa nº 06.

A regulamentação, publicada esse ano pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) discorre sobre a concessão dos adicionais de insalubridade e periculosidade. Com a edição da norma, muitos servidores ficaram prejudicados.

O documento aprovado no Consuni estabelece como ação de curto prazo nivelar os percentuais recebidos por servidores que trabalham em mesmo espaço para o maior percentual ali encontrado, até que hajam condições de aferir a insalubridade do ambiente. (Confira mais no site da Adufg Sindicato)

Autoclave explode em Catalão

Em Catalão, uma autoclave explodiu no laboratório de microbiologia da UFG. O acidente não feriu ninguém, mas deixou uma servidora técnico-administrativa que trabalha no local em estado de choque. A questão das condições de trabalho foi discutida nos meses de setembro a novembro em reuniões conjuntas entre Adufg Sindicato e Sint-Ifesgo. Também o Consuni criou comissão para tratar da problemática. A última edição do **JP** publicou ampla reportagem sobre o assunto.

Professores da UFG nos Estados Unidos

Vinte e dois professores brasileiros foram selecionados para ministrar aulas, realizar pesquisas e desenvolver atividades de orientação técnica e científica em renomadas instituições de ensino superior nos EUA. O professor Ricardo Gomes, do Instituto de Física, acaba de voltar de Chicago, onde realizava pesquisa no *Argonne National Laboratory*, um dos maiores laboratórios daquele país. Desenvolveu pesquisa em física de neutrinos e raios cósmicos, em alguns experimentos do Fermilab (um dos maiores aceleradores de partículas do mundo). Dois estudantes de doutorado do Instituto de Física da UFG, e um pós-doutorando também participaram da pesquisa.

Usuários do *Hotmail* não recebem e-mails da UFG

O Centro de Recursos Computacionais (Cercomp) da UFG alerta a comunidade universitária que usa o *Hotmail* para realizar configuração que desbloqueia comunicações enviadas pelo domínio @ufg.br. Basta acessar as configurações do *e-mail*, clicar em “remetentes confiáveis e bloqueados” e inserir o domínio @ufg.br na lista de confiáveis.

Congresso internacional de História no Campus Jataí

Com o tema Cultura, sociedade e poder, o IV Congresso Internacional de História, do Campus Jataí, será realizado no final de setembro de 2014. Receberá 660 trabalhos – 540 na modalidade comunicação oral e 120 na modalidade pôster. Haverá 20 simpósios temáticos simultâneos em três dias de evento. Cada simpósio acatará 24 trabalhos, sendo oito apresentações por dia. Informações em www.congressohistoriajatai.org/2014.

Desafio de consolidar a Fapeg

Entrevistada pelo professor do IF Jesiel Freitas Carvalho, a presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, Maria Zaira Turchi, fala do atual processo de consolidação e detalha os obstáculos a serem superados para que a entidade atinja autonomia plena e alavanque a pesquisa científica e de inovação em Goiás

Macloys Aquino

Jesiel Carvalho entrevista professora Zaira Turchi, na sede da Fapeg, no Setor Sul, em Goiânia: mesmo sem repasses em duodécimos, agência garante contrapartidas em editais

Jesiel Freitas Carvalho – O modelo referência de fundação de amparo à pesquisa no País é a Fapesp, que tem origem na Constituição do Estado de São Paulo, sucedendo a constituinte de 1945, e instalada em 1962 pelo então governador Carvalho Pinto. Uma instituição forte, de 51 anos. Hoje, a maior parte dos estados brasileiros possui suas fundações de amparo à pesquisa. A Fapeg é uma jovem fundação, que completa oito anos. Qual o balanço desses oito anos?

Maria Zaira Turchi – A Fapeg foi criada em 12 de dezembro de 2005 depois de grande mobilização da comunidade científica, do setor empresarial, da sociedade organizada. Foram anos de luta com envolvimento das universidades, da SBPC. No segundo mandato do governador Marconi Perillo, tendo a professora Rachel Teixeira como secretária de Ciência e Tecnologia (Sectec), essa demanda se concretizou. A Fapeg foi criada à semelhança das demais no País, com vinculação garantida de 0,5% da receita líquida estadual. Nesse percurso, houve um momento muito difícil. Em 2008, o governo, com dificuldades de garantir essa vinculação, quase teve que desmontar a fundação e transformá-la em departamento da Sectec (secretaria a qual está jurisdicionada). Novamente, um grande movimento da comunidade científica, principalmente da UFG, por meio do então reitor Edward Brasil, atuou muito firme para garantir a continuidade da fundação. A saída possível foi reduzir a vinculação, num escalonamento de 0,1%, 0,2%, até que alcançasse o percentual de 0,5% previsto na lei

Jesiel – Como está hoje, professora?

Zaira - Em 2013, é que de fato chegamos ao percentual de 0,5%. Quando assumimos em 2011, o percentual era de 0,3%. E em tão pouco tempo, a Fapeg se coloca no cenário nacional de modo expressivo, porque tem conseguido atuar em todos os programas em convênios e em acordos de cooperação com as agências federais e organismos internacionais. Todas as parcerias por meio do Confap (Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa) foram estabelecidas. A Fapeg tem garantido as contrapartidas e a execução plena das ações. Utilizamos plenamente os recursos da receita estadual e com isso captamos para o Estado recursos extraorçamentários da maior importância, sobretudo das agências federais. A fundação hoje está consolidada. Evidentemente, o processo é permanente, porque a demanda também aumenta, hoje temos mais instituições de ensino superior, mais pesquisadores. Há uma diferença fundamental em relação à Fapesp, é que a liberação dos recursos em duodécimos está escrito na Constituição (do Estado de São Paulo). Isso é um mecanismo muito eficiente de garantir a liberação mensal. A liberação em duodécimos também está prevista na lei de criação da Fapeg e há um compromisso firme do governador Marconi Perillo neste sentido. Estamos contratando e pagando todos os 37 editais lançados por nós.

Jesiel – Trinta e sete editais em 2013?

Zaira – Somando os que já lançamos ao longo dos últimos três anos.

Jesiel – Desses editais, quantos são só da Fapeg e quantos em colaboração com outras agências?

Zaira – Eu não saberia precisar de modo muito exato, mas há programas com o CNPq, o Pronex, Pronem, PPP, DCR, ICJ. Outros com a Capes, Finep, entre outros.

Jesiel – Nesses casos, sempre há uma parcela de recursos do CNPq e da Fapeg?

Zaira – Sim. Para garantir a participação nesses programas, a fundação tem que dar a contrapartida. Há percentuais definidos nesses programas e a agência estadual tem que garantir a liberação, senão fica fora do programa. Em relação à Capes, firmamos um grande acordo de cooperação que envolve mais de R$ 60 milhões, com número grande de bolsas. Com a Finep, fizemos dois editais extremamente importantes. No primeiro edital foram aportados recursos da ordem de R$ 17 milhões e agora no segundo edital, em fase de conclusão, o Tecnova, de R$ 13,5 milhões. Mas quando você pergunta quantos editais são com recurso da nossa vinculação e quantos em parceria, o percentual é na proporção de 50%, 60%. No nosso primeiro ano, a vinculação era de R$ 20 milhões. No segundo, R$ 30 milhões. Captamos R$ 50 milhões, todos investidos em editais e programas, em parcerias também com agências e com ministérios. Neste terceiro ano estamos chegando a R$ 100 milhões em recursos do tesouro estadual e cerca de R$ 70, R$ 80 milhões de recursos captados.

Jesiel – R$ 100 milhões então correspondem a 0,5% da receita líquida do Estado?

Zaira – Não. Estou somando os dois primeiros anos com o terceiro. A vinculação de 0,5% na receita líquida estadual, hoje, é de R$ 52 milhões.

Jesiel – Então a Fapeg, nas articulações com agências federais, tem dobrado esses recursos.

Zaira – Sim. Em três anos, ao investimento estadual de R$ 100 milhões para pesquisa, via Fapeg, são somados cerca de R$ 80 milhões captados pela Fapeg em acordos com agências federais de fomento. As fundações estaduais tem se tornado fortes e representam, em conjunto, montante de recursos superior a das agências federais. Isso é muito significativo, é um outro patamar da pesquisa científica no Brasil.

Jesiel – O investimento da vinculação orçamentária é de aproximadamente R$ 50 milhões. Ao longo desses três anos, essa vinculação tem sido cumprida rigorosamente pelo governo?

Zaira – Sim. Temos lançado os editais e cumprido anualmente a vinculação. Certamente há uma etapa primeira, que deve ser o cumprimento orçamentário. Fazemos plano de ação, aprovado pelo Conselho Superior da Fapeg. Planejadas, essas

QUEM É QUEM

• **Maria Zaira Turchi**
Graduada (UFG) e doutora (USP) em Letras, com doutorado sanduíche no Centre de Recherches Sur L Imaginaire, Grenoble (França). Foi pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação e diretora da Faculdade de Letras. É membro do Conselho Estadual de Educação.

• **Jesiel Freitas Carvalho**
Graduado (UFG), mestre (USP) em Física. Doutor em Ciência e Engenharia de Materiais (USP), pós-doutor pelo Institut Néel/CNRS/Grenoble (França). Coordenou o projeto de implantação do Centro Regional para o Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CRTI).

ações são executadas por meio de editais. E aí fazemos o empenho orçamentário. E temos conseguido sempre liberar todo recurso financeiro. Estamos trabalhando para que o repasse da vinculação seja feito em duodécimos mensais.

Jesiel – O que representa a liberação em duodécimos para a execução orçamentária e para o funcionamento da Fapeg?

Zaira – Representa a plena consolidação da Fapeg. Ao concluir todo processo de lançamento de edital, seleção de propostas e contratação, a Fapeg teria já depositado o recurso financeiro para o repasse imediato aos pesquisadores. Às vezes, há um tempo de espera dos nossos pesquisadores, fazemos escalonamento, de acordo com a possibilidade financeira viável naquele momento. A comunidade científica tem compreendido isso, e nos apoiado. Nenhum pesquisador deixou de receber o seu fomento.

Jesiel – Essa mudança do mecanismo de execução orçamentária, com a destinação dos recursos à Fapeg em duodécimos, é questão chave para que o fomento dê resultados efetivos à pesquisa de médio e longo prazos. É fundamental aos grupos de pesquisa saberem que terão os recursos necessários para desenvolverem seus trabalhos. Nesse sentido, o edital universal, por atender todas as áreas, tem uma importância muito grande. Porque dá ao pesquisador a certeza de que terá os recursos necessários para tocar no mínimo a rotina da sua pesquisa. A Fapeg iniciou com o edital universal aqui em Goiás, com uma quantidade significativa, de R$ 15 milhões. Há perspectiva de que essa modalidade de financiamento permaneça, de modo que o pesquisador pode ficar certo de que, ano a ano, ele poderá concorrer com um bom projeto?

Jesiel: repasse em duodécimos é fundamental

Zaira – Sim. O nosso planejamento prevê agora, em dezembro, lançarmos um novo edital universal, garantindo a continuidade da ação, que consideramos da maior importância para o cotidiano da pesquisa. O que consolida de fato uma fundação de amparo à pesquisa estadual é a sua capacidade de ter programas regulares e permanentes com os quais a comunidade pode contar regularmente. É também a capacidade de estabelecer ações estratégicas que darão respostas para questões emergenciais, que, sabemos, uma vez superadas não precisam ter um novo fomento.

Jesiel – Sobre o processo de julgamento dos editais, na Fapeg, como nas agências similares, o processo é por pares e a agência depende muito da participação ativa e da resposta rápida da comunidade a essas demandas. Como tem sido o relacionamento da Fapeg com os pesquisadores?

Zaira – Questão extremamente relevante para dizermos à comunidade científica e à sociedade que os processos são extremamente lícitos, cuidadosos, observando plenamente o mérito técnico-científico na concessão dos recursos. Porque nisso também está a credibilidade e a força da fundação. Para um julgamento apurado, criterioso e legítimo, com análise de diferentes comissões, fazemos absoluta questão de observar todo esse processo. Contamos aqui com consultores que fazem eletronicamente o processo, buscamos inclusive no Brasil inteiro. E criamos recentemente, o que é um avanço, os comitês de assessoramento. Fizemos por áreas do conhecimento oito comitês, com pesquisadores altamente qualificados, todos pesquisadores em produtividade do CNPq ou pesquisadores com reconhecimento de mérito em suas áreas. O que vai nos dar uma capacidade permanente de contar com cerca de 70 pesquisadores em reuniões regulares de julgamento. Esse é um grande desafio até para agilizar os projetos.

Jesiel – Considerando o crescimento da demanda qualificada, o que tem ocorrido não só em Goiânia, mas também nos campus do interior, com os campus da UFG, da UEG, os institutos federais, a Fapeg tem tido um olhar específico para atender esse público?

Zaira – Sim. Essa foi uma decisão política tomada por essa gestão da Fapeg, com todo respaldo do Conselho Superior. Em todos os nossos editais, um percentual de 30% está garantido para as instituições sediadas no interior, onde houver demanda qualificada. Sabemos que essa é uma ação de indução importante, que dá oportunidade para consolidar instituições que estão se estabelecendo com seus programas de pós-graduação, que precisam ser fixados nessas regiões e que tem ali uma importância estratégica para Goiás.

Jesiel – Um desafio importante na estruturação de um sistema saudável e eficaz de ciência e tecnologia é a existência de grandes instalações instrumentais, que custam muito caro, mas que são necessárias para pesquisas em diversas áreas. A Fapeg teve um papel de liderança importante na estruturação do recém-inaugurado Centro Regional para o Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CRTI). O que essa estruturação pode representar para o futuro da ciência em Goiás?

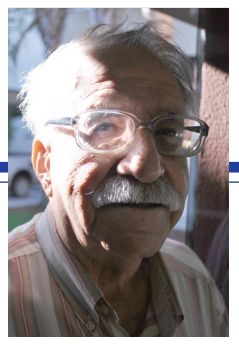
Zaira – O CRTI é um divisor de águas para o desenvolvimento tecnológico e de inovação no Estado. Além de ser um centro de alta complexidade, com equipamentos de ponta que demandaram e continuarão demandando recursos substanciais, está alinhado ao que hoje postula o Ministério da Ciência e Tecnologia como política para o País. O CRTI é vanguarda porque responde a essa política, que prevê a construção de grandes centros multiusuários. Vai atender à demanda de pesquisadores, do setor empresarial, do governo, das instituições de ciência e tecnologia, das universidades em Goiás e vai irradiar para a região Centro-Oeste e para o Brasil, pela excelência. O CRTI é inovador na sua governança, resultado das força somadas dos governos federal, estadual, da UFG, das emendas de bancada dos deputados goianos. Foi uma articulação em que a Fapeg se sente realizada, por ser uma das mais importantes ações dessa gestão. Me sinto orgulhosa da Fapeg ser parceira importante na implantação do CRTI.

Fotos: Macloys Aquino

Professora Zaira Turchi: fundação tem credibilidade entre pesquisadores

Jesiel – Quais os desafios futuros e imediatos da Fapeg? O que deve ser feito para que a Fapeg continue a se consolidar em Goiás?

Zaíra – Certamente o que estamos plantando nesse presente vai garantir o futuro, a autonomia plena, a compreensão de qualquer governo que venha depois, porque nesse momento nós estamos tendo todo apoio do governo. Nem sempre as coisas são assim, o que nos faz pensar que há momentos diferentes. Por isso a fundação tem que estar consolidada de tal maneira que nenhum governo altere seu status, que garanta sempre o cumprimento da lei. Esse é o grande desafio, dar à fundação uma infraestrutura e funcionamento. Temos um quadro pequeno de servidores e hoje é um grande desafio colocar em funcionamento um sistema de tecnologia robusto que dê conta da alta demanda e que possa facilitar para o pesquisador toda a parte de submissão, prestação de contas. É uma questão não só de Goiás, mas é um grande desafio no Brasil, ter marcos legais mais adequados para a ciência, tecnologia e inovação. Não é possível submeter pesquisadores à Lei 8.666. Às vezes o pesquisador fala "preciso transformar o capital em custeio". Temos também, na Fapeg, de rever resoluções, lei de bolsas que a gente vê que não acolhe mais as modalidades existentes. Dotar a Fapeg de infraestrutura física. O espaço hoje é pequeno, inadequado, e o número de processos só cresce. Outro grande desafio é o repasse do recurso financeiro em duodécimos mensais. A eficiência da execução vai se consolidar com essa possibilidade. Estamos participando de todos os programas, temos essa proatividade de nos colocarmos com respeito e credibilidade perante os organismos nacionais e internacionais. Todos nós, comunidade científica, pesquisadores, universidades, sociedade civil organizada e governo, temos que nos sentir orgulhosos dos caminhos que a Fapeg vem tomando e ter a certeza de que a força da fundação existe porque tem uma comunidade científica capacitada para desenvolver pesquisas, inovação.



RESPINGOS

HFA

Justiça desobriga Adufg de recolher INSS por serviços da Unimed e da Uniodonto

Decisão do TRF da 1ª Região desobriga a Adufg de recolher o INSS das faturas da Unimed e da Uniodonto. Significa que o sindicato não terá de pagar 15% de contribuição previdenciária aos serviços prestados pelas cooperativas. Na verdade, a entidade nunca recolheu esses valores, por haver ganho, ainda em 2001, mandado de segurança que a eximia desse pagamento. A ação é da advogada Maria Isabel Silva Dias.

Enquanto isso – Em Santa Catarina, em 2007, a então Associação dos Professores da UFSC (Apufsc) foi multada em R$ 94 mil e notificada, pela Receita Federal do Brasil, de uma dívida de R$ 4 milhões por não haver recolhido a mesma contribuição, entre 2001 e 2006.

Será a Serasa?

Decisão do STJ obrigou a Serasa a checar e retirar do cadastro todo consumidor que tiver sua dívida prescrita ou com inscrição superior a cinco anos. É um alerta a todos os que se encontram em situação crítica diante de bancos e financeiras.

Experiência

A política das universidades federais de admitir docentes com doutorado deveria considerar a experiência didática. Ideal seria que os candidatos se iniciassem como auxiliar de ensino, sujeitos a uma tutoria, para o que seria importante a presença de docentes aposentados.

Atenção, aposentado

Até agora não entendi a razão por que os professores que se aposentaram como titulares perdem parcelas dos benefícios do Artigo 192, extinto em 1997. O artigo foi incluído na Lei 8.112/90, que trata do regime jurídico único.

Novas pró-reitorias

A PRPPG foi desmembrada, há três reuniões do Consuni, em Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPG) e a nova Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI). Esta funciona a partir de 2014, mas ainda depende de aprovação do Conselho Nacional de Educação (CNE) e do MEC.

PRPI

Maria Clorinda Soares Fioravanti será a pró-reitora de Pesquisa e Inovação da UFG. Ela é professora associada da Escola de Veterinária e Zootecnia, membro do Comitê Assessor do CNPq.

PRPG

Quem comandará a pasta da Pós-Graduação é José Alexandre Felizola Diniz Filho. O professor do ICB I é um dos pesquisadores mais citados no mundo em publicações científicas na área de Ecologia e Meio Ambiente.

Veja lá

Em nossa última edição, divulgamos os nomes dos novos pró-reitores, que assumem junto com o professor Orlando Valle do Amaral, reitor eleito, no dia 6 de janeiro.

Arquivo Adufg

Ao comemorarmos 35 anos de existência da Adufg, criada em 1978, estou a recordar da audiência que tivemos – Sérgio Paulo Moreyra, Ari Monteiro do Espírito Santo e eu, primeiro presidente – com o então ministro Eduardo Mattos Portella. Mal sabíamos que o então ministro estava ameaçado de expulsória. Muitas das iniciativas do Proifes, 24 anos depois, estavam previstas já na reestruturação da carreira do magistério superior federal, defendida pelo então ministro, inclusive a licença sabática para docentes. Infelizmente, Portella não conseguiu enfrentar a política econômica da época e caiu. Na foto, professores em frente à nossa primeira sede provisória, no ICB I.

Hélio Furtado do Amaral
Professor aposentado. Na classificação autoritária do Siape: CLT. Excluído do universo dos docentes

CARTA

Professora Iara Barreto, por sua história de vida nos contextos familiar, social e universitário, retratada na última edição do **JP**, *quero deixar claro que confere com sua conduta desde quando fui transferida da Faculdade de Enfermagem Ana Neri, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e passei a conviver com você no contexto da Faculdade de Enfermagem e da Faculdade de Nutrição.*

Parabéns, Iara, por ter assumido várias lideranças de alto nível em Goiânia com competência e desempenho, como a direção da Faculdade Fanap, em Aparecida de Goiânia, que tenta aprovar no MEC uma pós-graduação profissional.

Guiomar S. C. de Lima, aposentada da Faculdade de Enfermagem

Adufg SINDICATO

17ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás

Rosana Maria Ribeiro Borges
Presidente

José Wilson Nerys
Vice-presidente

Elias Nazareno
Diretor Secretário

Bartira Macedo
Diretora Adjunta Secretária

Beneval Rosa
Diretor Administrativo

Flávio Alves da Silva
Diretor Adjunto Administrativo

Antônio César de Oliveira
Diretor Financeiro

Lucilene Maria de Sousa
Diretora Adjunta Financeira

Carlos Alberto Tanezini
Diretor para Assuntos dos Aposentados e Pensionistas

Rui Yamada
Diretor Adjunto para Assuntos dos Aposentados e Pensionistas

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS

ANO II – Nº 11
DEZEMBRO DE 2013

Editor e idealizador do projeto
Prof. Juarez Ferraz de Maia

Editora responsável
Alessandra Faria (JP01031/GO)

Editor e repórter
Macloys Aquino (FENAJ 02008/GO)

Projeto gráfico e diagramação
Cleomar Nogueira

Repórter
Frederico Oliveira

Publicação mensal

Tiragem
3.000 exemplares

Impressão
Flexgráfica

Contato
jornaldoprofessor@adufg.org.br

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3202-1280
Produção e edição
Assessoria de Comunicação da Adufg Sindicato

Adufg: 35 anos de conquistas

Oitenta e nove sócios se reuniram em 1978 para criar a antiga Associação dos Docentes da UFG. Em 1979, eram 300 filiados. Hoje são 2.248, dentre ativos e aposentados

Criada como associação, dado o impedimento legal para criar sindicatos na ditaura militar, a Adufg completa 35 anos neste mês. Desde então, houve dezessete diretorias e um grande crescimento. Em 1979, 300 docentes eram associados. Em dezembro de 2013, a entidade conta com 2.248 sindicalizados, dentre professores da ativa, aposentados e pensionistas.

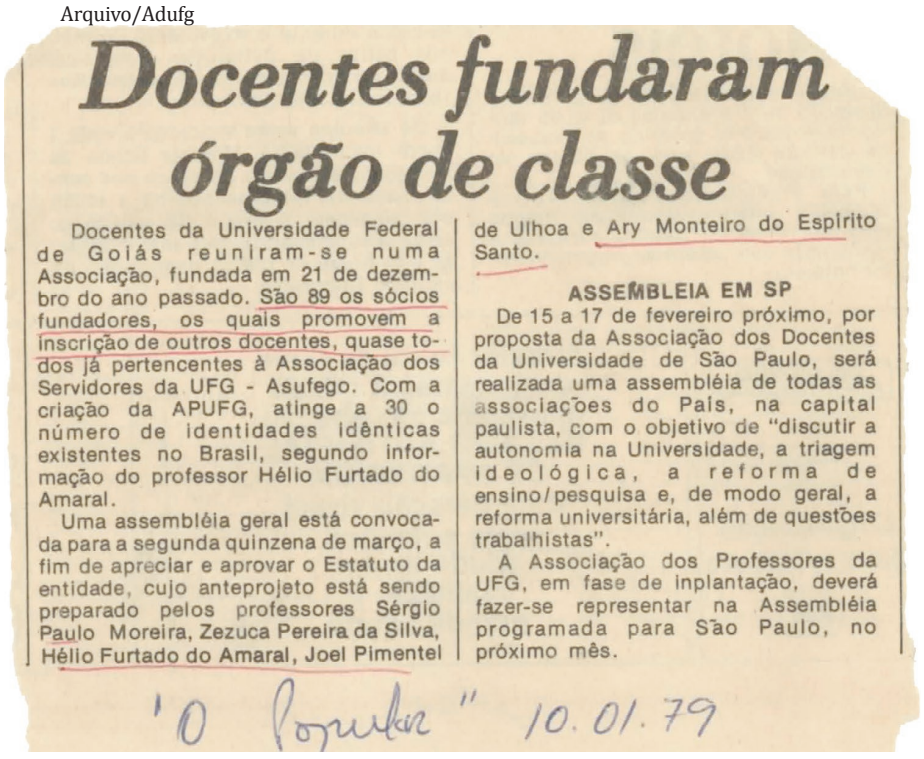
A primeira sede provisória foi instalada, em 1978, no ICB. Depois foi para a Faculdade de Educação. Dali foram organizadas diversas greves, como a de 1980, que se iniciou no então Instituto de Matemática e Física (IMF). Da UFG, o movimento paredista espalhou-se para dezenove universidades e sete escolas.

Já em dezembro de 1990, com a alteração na legislação, a Adufg tornou-se sessão sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, o Andes-SN. A partir daí, a então associação assumiu caráter sindical.

A transformação em sindicato local é resultado de um processo de discussão dos docentes desde 2007. Em assembleia no Instituto de Matemática e Estatística (IME) em 6 de outubro de 2010, decidiu-se pela realização de uma consulta geral aos docentes sobre o futuro da então associação. Realizada em 26 e 27 de outubro daquele ano, a votação foi favorável à desfiliação do Andes-SN e construção de um sindicato local.

Em novembro daquele ano, uma assembleia geral referendou a decisão da consulta. Já em 17 de março de 2011, em assembleia extraordinária, a entidade se desfiliou do Andes-SN e tornou-se sindicato local. Naquela reunião, também se discutiu a redução da contribuição sindical de 1% para 0,8%, proposta que foi rejeitada pelos docentes presentes.

Arquivo/Adufg



Docentes fundaram órgão de classe

Docentes da Universidade Federal de Goiás reuniram-se numa Associação, fundada em 21 de dezembro do ano passado. São 89 os sócios fundadores, os quais promovem a inscrição de outros docentes, quase todos já pertencentes à Associação dos Servidores da UFG - Asufego. Com a criação da APUFG, atinge a 30 o número de identidades idênticas existentes no Brasil, segundo informação do professor Hélio Furtado do Amaral.

Uma assembléia geral está convocada para a segunda quinzena de março, a fim de apreciar e aprovar o Estatuto da entidade, cujo anteprojeto está sendo preparado pelos professores Sérgio Paulo Moreira, Zezuca Pereira da Silva, Hélio Furtado do Amaral, Joel Pimentel de Ulhoa e Ary Monteiro do Espirito Santo.

ASSEMBLEIA EM SP

De 15 a 17 de fevereiro próximo, por proposta da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo, será realizada uma assembléia de todas as associações do País, na capital paulista, com o objetivo de "discutir a autonomia na Universidade, a triagem ideológica, a reforma de ensino/pesquisa e, de modo geral, a reforma universitária, além de questões trabalhistas".

A Associação dos Professores da UFG, em fase de inplantação, deverá fazer-se representar na Assembléia programada para São Paulo, no próximo mês.

'O Popular" 10.01.79

Reprodução de notícia de 1979 sobre a criação da Adufg: 89 sócios fundadores

Patrimônio

Com a ampliação da base, cresceram também as demandas por espaço e melhor estrutura. De sua antiga sede na Faculdade de Educação, hoje o sindicato conta com uma sede própria, na Vila Nova, em Goiânia, assim como a sede campestre e a sede administrativa de Jataí. Diversos projetos de ampliação e readequação dos espaços estão em execução. Destas obras, algumas já foram entregues.

É o caso da construção do Espaço Cultural, de Lazer e Saúde no lote anexo à sede administrativa. O espaço é um ambiente multiuso para o uso dos filiados. Haverá ainda ampliação do salão do Espaço Cultural.

Em 2012, foi criada a Sede Administrativa de Jataí, localizada no câmpus Riachuelo, no centro daquela cidade. A instalação de uma sede no sindicato no município foi possível graças ao convênio com a diretoria daquele campus. A partir de então, os docentes filiados de Jataí passaram a contar com algumas edições do Sabadart, festa de confraternização entre professores, que ainda não tem periodiocidade fixa.

ADUFG NO TEMPO

1978 – DEZEMBRO: Fundada Associação dos Docentes da UFG (Adufg) – a ditadura militar não permitia sindicatos

1979: Inicia lutas para instituir carreira docente, que não existia, e discussões sobre a falta de autonomia e de financiamento

1980 – JULHO: Dá pontapé à primeira greve nacional docente, movimento que consolidaria a Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes)

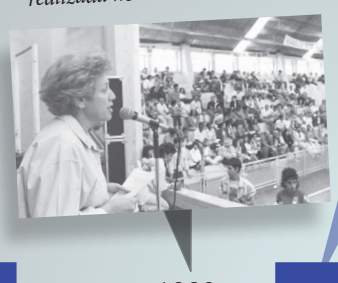
1983 – JUNHO: Participa ativamente da campanha das Diretas Já junto a movimento nacional e exige eleições diretas para presidentes e reitores

1985: Enfrenta as reformas dos governos FHC, que ameaçavam a autonomia universitária, congelaram salários e instituíram privatizações

1988:

10 anos da Adufg

1989:



Profa. Mindé discursa na Assembleia Universitária, realizada no Ginásio da UCG.

1990 – DEZEMBRO: É transformada em sessão sindical do agora Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes)

1992 – SETEMBRO: Participa, em Goiás, das mobilizações pelo impedimento do presidente Fernando Collor de Mello

1993: Firmado convênio Unimed/Adufg

1994:

Inaugurada a Sede Campestre

1995-1998: Se fortalece como sindicato e participa de lutas contra reforma da previdência, durante governos Lula

2001-2011 – MARÇO: Se desfilia do Andes e passa a se constituir Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg Sindicato), filiado ao Proifes-Federação

2011: A categoria se movimenta numa das greves mais longas e com maior participação das Ifes no Brasil

2012

2013:

Inaugurado o Espaço Cultural, de Lazer e Saúde

2248 docentes filiados, sendo **801** aposentados

PRESIDENTES

Hélio Furtado do Amaral (1978-1979)

Mindé Badauy de Menezes (1979-1981)

Marco Antonio Sperb Leite (1981-1983)

Darcy Costa (1983-1985)

Sidney Valadares Pimentel (1985-1987)

Mindé Badauy de Menezes (1987-1989)

Maria Ieda Burjack (1989-1991)

Maria Ieda Burjack (1991-1993)

Abraão Garcia Gomes (1993-1995)

Reginaldo Nassar Ferreira (1995-1997)

Romualdo Pessoa Campos Filho (1997-1999)

Reginaldo Nassar Ferreira (1999-2001)

João Batista de Deus (2001-2003)

Fernando Pereira dos Santos (2003-2005)

Romualdo Pessoa Campos Filho (2005-2007)

Carlos Alberto Tanezini (2007-2009)

Fernando Pereira dos Santos (2009-2011)

Rosana Maria Ribeiro Borges (atual presidente, 2011-2014)

“A palavra de ordem

QUEM É EDWARD BRASIL

Graduado, mestre e doutor em Agronomia pela UFG. Foi reitor por dois mandatos consecutivos (2006-2013). Presidiu e ocupou cargos na diretoria executiva da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) durante quatro anos

A entrevista com o reitor Edward Madureira Brasil foi interrompida uma dezena de vezes naquele café, numa manhã de sábado, no início de dezembro, em Goiânia. Professores da ativa, aposentados, estudantes, pessoas da comunidade se aproximaram para cumprimentá-lo. “Ih, esses eu não sei quem são”, disse rindo Edward, quando perguntado sobre quem eram os jovens que de longe chamaram seu nome e fizeram questão de pegar em sua mão.

Os oito anos do professor da Agronomia à frente da UFG deixam a marca de uma administração acessível e muito presente. “Andar pela universidade e pelos campus, ou despachar semanalmente do HC, como sempre fiz, foram instrumentos de gestão para perceber e entender melhor a universidade”, diz. Mas não só: sua dedicação à universidade tem sido quase exclusiva – para além do expediente do trabalho, como ele diz.

Aqui, Edward faz um balanço de suas gestões. Explica como conseguiu aproveitar o Reuni e fazer da UFG uma das universidades brasileiras que mais cresceram nos últimos tempos. Fala como se deu a aproximação com a sociedade e, como ex-presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), diz como vislumbrou na universidade o maior instrumento de transformação social da nação. “A UFG é a minha vida”. Já fala com saudades.

Jornal do Professor – O senhor deixa como marca uma administração acessível, presente e dinâmica. Como foi construído o projeto de ser reitor?

Edward Madureira – Nunca houve o projeto de ser reitor. A possibilidade de concorrer em 2005 começou a ser comentada por algumas pessoas em 2004. Da mesma forma como começou-se a comentar, em 1997, na Escola de Agronomia, a possibilidade de eu ser diretor. Nada foi planejado com objetivo de alcançar posições. Aconteceu de maneira muito natural.

JP – Como tem sido sua rotina nos últimos oito anos?

Edward – Dedicação quase exclusiva à universidade. Exclusiva significa para além do expediente de trabalho. Foi uma dedicação nos três períodos, matutino, vespertino e noturno, em atividades acadêmicas, representação política, em eventos que envolveram a universidade. Muita doação, mas sem nenhum peso. Muito prazerosa, por sinal. Como o fiz nos oito anos na direção da Escola de Agronomia. Mas você fala de ser acessível. Penso que o cargo não pode ser maior que a pessoa. O cargo é passageiro. O que se faz na vida e fica de positivo são as relações que a gente constrói.

JP – Professores antigos comentam que, há um tempo, participar da administração da universidade poderia significar um certo peso, que a comunidade universitária passava a olhar para esses professores de maneira diferente. E que na sua gestão isso não ocorreu.

Edward – Em 2005, o mote da nossa campanha era “Você construindo a UFG”. Baseado nessa premissa, mantivemos o diálogo sempre aberto na administração. As portas da reitoria e do gabinete estavam sempre abertas. Não me lembro de solicitação de audiência que não tivesse sido atendida, além, claro, das audiências informais por corredores e lugares da universidade, onde as pessoas estivessem à vontade para me abordar. Ouvir as pessoas é a forma mais eficiente de se corrigir os rumos de uma gestão. A sensibilidade de quem está na sala de aula, nos laboratórios, amplia a sensibilidade do reitor, que não consegue ter seus olhos em todos os lugares ao mesmo tempo. Andar pela universidade e pelos campus, ou despachar semanalmente do HC, como sempre fiz, foram instrumentos de gestão para perceber e entender melhor a universidade.

JP – O senhor também sempre encontrou as portas das unidades abertas, certo?

Edward – Claro, é um caminho de mão dupla. A minha até insistência ao diálogo abriu esse caminho. E foi sim uma ferramenta de gestão.

JP – Qual foi seu maior desafio nesses oito anos à frente da UFG?

Edward – Um professor pouco conhecido além dos limites das escolas de Agronomia e Veterinária precisava conquistar a confiança e principalmente motivar tanto professores, como servidores técnico-administrativos e estudantes. A universidade é um potencial inimaginável. Que instituição em Goiás tem a concentração de massa crítica que tem a universidade, em qualquer segmento? Enxergo as pessoas no passado um pouco desmotivadas para desenvolverem seus projetos e, em última análise, promover a aproximação com a sociedade, que é o que vai nos valer num futuro, quando por ventura não tivermos uma política de governo que nos favoreça. Estimular o professor a desenvolver seus projetos e dar vazão a seus ideais... Eu digo sempre que professor universitário, em sua grande maioria, é idealista. Não está ali motivado por dinheiro. Fez opção por uma vida que não é uma vida milionária. Por mais que se possa ter ganhos na carreira, não se compara com outras oportunidades

Carlos Siqueira/Ascom UFG

Edriene Sales, chefe de gabinete; Silvana Coleta, coordenadora de imprensa; Letícia Côrtes, coordenadora de publicidade; Tasso Leite, assessor; Nelson Amaral, assessor; Orlando do Amaral, reitor eleito; Sandramara Chaves, Prograd; o reitor Edward; Eriberto Marin, vice-reitor; Venerando de Campos, Relações Públicas; Júlio Prates, Procom; Anselmo Neto, Proec; Jeblin Abraaão, Prodirh; Ofir Bergemann, Assuntos Internacionais e Divina Cardoso, PRPPG: equipe motivada

na reitoria era ‘sim’”

que esse professor teria de empreender ou buscar outros espaços onde há mais reconhecimento financeiro. O professor universitário comemora quando arruma dinheiro para trabalhar mais, mesmo que aquilo não reverta nenhum centavo no seu bolso no fim do mês. O que talvez seja incompreensível ao cidadão comum, aos seus familiares. Então foi resgatar isso, motivar as pessoas, ser parceiro do professor no seu projeto e no seu ideal. A palavra de ordem na equipe da reitoria foi “sim”, vamos ajudar e insistir até o limite para que professores executem seus projetos. Foi desafio mais da primeira gestão. Na segunda, isso já foi bem mais fácil.

JP – O senhor falou em aproximação entre universidade e sociedade. Isso ocorreu?

Edward – Ninguém duvida sobre o que a universidade representa hoje para a sociedade, governos municipais, governo do Estado, empresários, movimentos sociais. Todos têm na universidade uma referência de isenção e independência política, partidária e ideológica. A universidade é uma mistura de tudo isso, de matizes ideológicas, convicções político-partidárias, há espaço para todos dialogarem. A universidade tem credibilidade, sua opinião tem muita força em qualquer espaço. E competência. Essa combinação faz da universidade algo ímpar e completamente diferenciada na sociedade. É um grande agente de transformação e desenvolvimento do Estado e do País.

JP – Essa aproximação também seria efeito do crescimento da universidade nos últimos oito anos, que absorveu muita gente. Suas gestões coincidiram com o Reuni. Quais foram os efeitos desse crescimento na relação da universidade com a sociedade?

Edward – O Reuni é sem dúvida a principal política de governo da história

Macloys Aquino

Reitor Edward, na sala de reuniões da reitoria, cujas portas, afirma, estiveram sempre abertas. “Foi uma ferramenta da gestão (o diálogo com docentes)”

da universidade brasileira. Nenhum programa teve esse alcance. A UFG de 2006 era de um tamanho, a de 2013 é duas vezes esse tamanho na maioria dos indicadores. O número de docentes, por exemplo. Eram 1.100 e hoje, entre concursados e autorizações para concurso (primeiro semestre de 2014) são quase 2.500. Área construída também dobrou nesse período, de 200 mil para 400 mil metros quadrados. Eram menos de mil trabalhos científicos por ano naquela época, hoje são mais de seis mil. E o número de estudantes, de 13 mil para 24 mil. Programas de pós-graduação: de 28 para 68, isso é surpreendente. Eram 11 doutorados, até hoje temos 28 e chegaremos até 30. Essa expansão numérica é acompanhada de dois fatores incompatíveis. Conseguimos incluir de diversas formas, não só pela política de cotas, mas por turmas especiais, programas de direitos humanos, núcleos de acessibilidade... A turma de Direito Evandro Lins (para beneficiários da reforma agrária, na Cidade de Goiás), a Licenciatura Intercultural Indígena, o curso de Letras: Libras. Tudo além das cotas. Qualquer indicador de qualidade da universidade hoje é superior a 2005. Avaliações dos cursos de pós-graduação, notas no Enade, diversos rankings, o Índice Geral de Cursos. Tudo isso teve como alavanca o Reuni. Tudo feito não sem uma turbulência, mas esse crescimento não ocorreu em outras universidades brasileiras.

JP – A UFG está entre as que mais cresceram nesses anos?

Edward – Tem universidades pequenas no sistema que podem ter tido

Carlos Siqueira/Ascom UFG

O reitor conversa com técnico, durante vistoria de obra no Câmpus Samambaia, em 2008: área construída da universidade passou de 200 mil para 400 mil metros quadradados, entre 2006 e 2013

Macloys Aquino

Edward: na UFG, o Reuni conseguiu também reconstruir parte da universidade que já existia antes do programa

um crescimento maior. Mas nos indicadores gerais, sim. Em número de professores, por exemplo, já somos a sexta universidade do País. A velocidade do nosso crescimento, proporcionalmente, foi maior que o crescimento do sistema. Isso porque o Reuni da UFG não foi desenvolvido no gabinete da reitoria. Foi construído com as unidades acadêmicas, que planejaram com seus conselhos diretores. Num tempo muito curto conseguimos um projeto muito denso porque houve envolvimento.

> “A velocidade do nosso crescimento foi maior que o crescimento do sistema (nacional). Isso porque o Reuni da UFG não foi desenvolvido no gabinete da reitoria. Foi construído com as unidades acadêmicas. Num tempo muito curto conseguimos um projeto muito denso porque houve envolvimento”

JP – Como foi a reação das unidades acadêmicas ao Reuni?

Edward – Na grande maioria, o apoio foi total. Algumas unidades rejeitaram, o que foi inclusive positivo para o debate. Mas conseguimos fazer com o que o programa atendesse a todos, com obras, servidores. Apesar do programa olhar a universidade daquele ponto para frente, a gente conseguiu também reconstruir a universidade que existia antes do Reuni.

JP – Como o Reuni impactou as condições de trabalho na UFG?

Edward – O que o governo pactuou conosco, foi cumprido e além. Todos os cargos e recursos vieram em mais de 50% do previsto. Então houve unidade acadêmica que optou por investir na qualidade dos ambientes de trabalho, por exemplo, colocando um gabinete para cada professor. Outras optaram por ampliar espaços coletivos. Sim, há ambientes de trabalho ruins na universidade, mas esses problemas físicos, de laboratórios, isso deve ser resolvido nos próximos dois anos. Tem um aspecto que dificulta o trabalho docente, o quantitativo de técnico-administrativos muito aquém do que precisamos. Isso sobrecarrega o trabalho docente, que muitas vezes tem que preparar sua aula prática e assumir tarefas administrativas. Isso impacta nas condições de trabalho, mas o problema é anterior ao Reuni. O quantitativo de docentes não é problema, a relação na UFG hoje é de 9 (estudantes) para 1 (docente). Na USP, por exemplo, essa relação é de 13 para 1. Significa que temos espaço para crescer, na graduação, na pós.

JP – A greve de 2012 foi também por condições de trabalho...

Edward – A greve nas universidades foi comandada pelos novos professores, que entraram pelo Reuni. O direito de mobilizar é fundamental, mas precisamos entender esse conjunto de coisas, para que a gente não se feche. É possível convivermos com números tão baixos na educação brasileira, no atendimento à população alvo, alunos de 18 a 24 anos? Atendemos 15% dessa população. Se quisermos ser um país grande, precisamos atender 40%, 60% dessa população. Tem como fazer isso sem crescer? E o custo disso? Será pela via pública ou privada? Espero que seja majoritariamente pela via pública. E não há crescimento sem transtornos.

JP – O senhor recebeu projetos de gestões anteriores. Conseguiu consolidar todos?

Edward – Essa é a grande virtude da universidade, não há uma ruptura de uma gestão para outra. Um exemplo é o Conpeex. Era recém-nascido e hoje nós fizemos a décima edição do congresso, com continuidade a todas as atividades. Na gestão anterior havia um estudo para o Parque Tecnológico da UFG. Lutamos incansavelmente para conseguir verba e acabamos de inaugurar o CRTI (Centro Regional para o Desenvolvimento Tecnológico e Inovação), uma obra que inicia o parque tecnológico. E assim são inúmeros exemplos. A disputa na universidade não leva à ruptura de projetos. O avanço da pós-graduação começou lá trás, nos anos 80, com o esforço da universidade de qualificar seus quadros, que foram enviados para fora do Estado e do País, para se prepararem. Depois montamos os cursos de pós-graduação e tudo isso culminou nesse crescimento. É um contínuo de atividades com sequência no tempo. Não consigo entender como há rupturas em outras instâncias de poder.

JP – Que projetos importantes ficam para o professor Orlando Amaral?

Edward – Muitos. É urgente a universidade repensar a sua graduação, principalmente quanto à oferta de disciplinas. Hoje essa oferta está muito individualizada. Uma disciplina que poderia ser oferecida simultaneamente para quatro ou cinco cursos, acaba oferecida para esses cursos em versões diferentes, o que aumenta a carga horária e diminui a eficiência. Outra questão é o tamanho das nossas propostas pedagógicas, em média 35% maiores que o firmado em diretrizes curriculares do MEC e do CNE. Nossos alunos estão excessivamente em sala de aula, o que gera prejuízo para os estudantes e para os docentes. Isso reflete numa divisão de trabalho inadequada. Há docentes sobrecarregados e outros que às vezes têm que procurar disciplinas para oferecer. Também a atualização urgente dos nossos sistemas de informação, dos programas que atendem à universidade, processo que já está em curso. Fizemos uma parceria com a UFRN, estamos adequando esse sistema à nossa realidade, o que mudará de patamar esse

Carlos Siqueira/Ascom UFG

Reitor Edward com a professora Divina, durante o prêmio SciVal: reconhecimento

serviço, que é outra coisa que também sobrecarrega docentes. Muitas coisas que seriam automáticas são manuais na UFG. Um projeto que conseguimos finalizar a ideia, mas ainda não há projeto físico, é um espaço para divulgação de ciência, um museu de ciência, um instrumento fantástico de aproximação com a sociedade, com a rede pública de educação. Às vezes, pessoas não gostam da nomenclatura "museu", a crítica é de que é uma coisa estática, mas seria um museu dinâmico, um espaço onde as escolas poderão estimular em crianças o gosto pela ciência. Um grande desafio é como aumentar o interesse por nossas licenciaturas. Existe uma crise instalada, mais agravada no interior, e precisamos despertar nos estudantes o gosto pela licenciatura. Isso passa por fatores externos à universidade, como o reconhecimento profissional, mas é uma questão que deve estar muito presente na próxima gestão. Outro desafio que fica para o professor Orlando é a implementação do novo estatuto. Aprovamos um estatuto ousado, que concebe a universidade multicampus, com inserção regional cada vez mais forte e com cada vez mais autonomia.

JP – Temos feito várias reportagens sobre a atuação dos campus do interior, com projetos que envolvem a universidade com escolas públicas e privadas locais...

Edward – Essa é uma estratégia da universidade não só pela sua responsabilidade, mas porque nós, servidores públicos de uma maneira geral, precisamos ter a consciência desse momento histórico, ou a gente faz isso e ajuda o Brasil, o Estado, a fazer uma virada, ou... Quando a gente aprova uma política de cotas, por exemplo, às vezes o aluno nos chega sem saber escrever. E aí eu falo "então professor, nós temos que ensiná-lo a escrever também". Se nós não fizermos isso agora, ninguém vai fazer. Se formos parar a universidade e esperar a escola pública melhorar para receber só os bons alunos, o Brasil será um País de velhos. Esse momento histórico é o de a gente se desdobrar, sermos mais versáteis e nos

Carlos Siqueira/Ascom UFG

Reitor participa de audiência com professores e técnico-administrativos de Jataí, durante projeto Reitoria Itinerante

doarmos muito mais. Estamos fazendo uma coisa para as gerações futuras. O Brasil precisa disso agora, Goiás precisa disso agora. Ao invés de reclamar que o aluno está ruim, vamos usar a criatividade, fazer um programa de tutoria, usar os nossos estudantes, ações que corrijam esse problema. Não há tempo a esperar. Esse é o nosso papel como agentes responsáveis pela transformação do País. E pensando na nossa sobrevivência, isso também é fundamental. Se nós não tivermos esse reconhecimento da sociedade, quando tivermos um governo que não reconhece a importância da universidade, essa sociedade vai cruzar os braços e vai nos deixar afundar. A estratégia é trabalhar muito, se aproximar da sociedade para transformar uma política de governo em uma política de Estado. A universidade não pode viver ao sabor do governante de plantão, seja de que partido for. Se for assim, ficará oscilando. Ficamos quase 20 anos à míngua e estamos num momento maravilhoso. Mas e amanhã?

JP – Foi durante sua gestão que se criou a TV UFG, mais um canal de aproximação com a sociedade. Fale da importância da TV.

Edward – Esse foi um presente. Uma luta de mais de 40 anos (a disputa por um canal começou nos anos 60, perdida para governos e igrejas), muitas pessoas dedicadas nessa luta, e logo no primeiro ano tive o privilégio de estar presente na assinatura da concessão do canal de TV para a UFG. O desafio foi colocar no ar e agora é manter no ar. Quando fui presidente da Andifes, tivemos uma conquista que talvez seja uma das mais emblemáticas para a comunicação nas universidades, que por mais de 40 anos também foram preteridas nas concessões de veículos de comunicação. Eu estava presente na audiência no Ministério das Comunicações, em 2011, em que estava em consulta pública uma regulamentação sobre a concessão de rádios e TVs educativas. E ali acionei um conjunto de professores das universidades federais, principalmente do Paraná, Juiz de Fora, Rio de Janeiro e da UFG, e conseguimos, na consulta, colocar o dispositivo de que as novas concessões de redes educativas, a partir dali, priorizassem as universidades. Qualquer novo aviso de habilitação de TV ou rádio educativa passa a priorizar propostas de universidades e institutos federais. Criamos a Fundação RTVE para ter a concessão do ca-

> "Quando a gente aprova uma política de cotas, por exemplo, às vezes o aluno nos chega sem saber escrever. E aí eu falo 'então, professor, nós temos que ensiná-lo a escrever também'. Se nós não fizermos isso agora, ninguém vai fazer"

Carlos Siqueira/Ascom UFG

O reitor Edward, de preto, Orlando do Amaral, reitor eleito (à sua esquerda), diretor do HC, José Garcia, e o diretor do Cegef, Marco Antônio de Oliveira, conversam com engenheiros durante visita às obras do HC: projeto é ser a maior unidade hospitalar do Centro-Oeste

nal 14. Daqui para frente, vamos receber uma FM em Trindade, lutamos por uma TV em Jataí, outra em Goiás, em Catalão e outra em Anápolis. Se a UFG apresentar propostas, serão nossas. É fundamental, porque a universidade tem extrema dificuldade de se comunicar com a população.

JP – O senhor deixa a universidade com que obras em andamento?

Edward – Quase uma centena, dentre pequenas reformas e grandes construções. A principal em curso é a do HC, uma obra de 44 mil metros quadrados e já licitada para sua conclusão. Se não houver nenhum problema com a empresa que executa a obra, em um ano e meio a dois anos, teremos o maior hospital do Centro-Oeste aqui, na UFG. Outras obras muito importantes são a nova Faculdade de Farmácia, um grande bloco de aulas na Engenharia Civil, o bloco de salas de professores do Câmpus Jataí, onde também já licitamos a Faculdade de Medicina e estamos licitando a biblioteca, em Catalão estamos licitando a obra do bloco multiusuário, o novo espaço da Administração, Ciências Contábeis e Econômicas, em Goiânia. O professor Orlando terá no primeiro semestre aproximadamente entre 10 e 12 obras importantes para inaugurar e num período de dois anos mais uma porção.

> “Houve unidade acadêmica que optou por investir na qualidade dos ambientes de trabalho, por exemplo, colocando um gabinete para cada professor. Outras optaram por ampliar espaços coletivos. Sim, há ambientes de trabalho ruins na universidade, mas esses problemas físicos, de laboratórios, isso deve ser resolvido nos próximos dois anos”

JP – E as obras paralisadas, por que isso ocorre?

Edward – O problema é a não conclusão dos contratos por parte das empresas. Paralisadas mesmo são muito poucas, porque nossa primeira providência ao paralisar uma obra é romper o contrato com a empresa e licitar novamente. Só fica paralisada enquanto não há empresa executora. Mas temos obras que nos deixam tristes. Na minha própria unidade acadêmica (Escola de Agronomia) tem uma obra que se arrasta há quatro anos. Já foram duas licitações e nesse momento estamos na terceira licitação. Obras no ICB também atrasaram muito, como a do ICB V, houve atrasos em obras na Cidade de Goiás, Catalão.

JP – Então esses atrasos se dão por quebra de contrato por parte das empresas?

Edward – A universidade faz a licitação e a empresa vencedora tem que se mobilizar para começar a obra. E a universidade só paga essa empresa a partir do momento em que parte do serviço já está executada. A certa altura do serviço, prevista no contrato, fazemos medição e pagamos aquilo que foi executado. Então a empresa, para trabalhar, tem que ter um caixa para fazer uma parte da obra. Muitas empresas não tem esse caixa, iniciam a obra, começam a se endividar e vão tentando manter a obra a conta-gotas, com três ou quatro funcionários. Isso só piora a situação da empresa, que vai atrasando, tem que pagar aquelas pessoas até chegar à inadimplência. E fazer uma nova licitação é sempre muito complicado, porque o empenho (programação de pagamento) foi feito para uma empresa e quando muda de ano tem que empenhar para outra empresa.

Macloys Aquino

Edward: “Andifes me fez perceber a grandeza da universidade”

JP – Então não é falta de dinheiro.

Edward – Absolutamente. Até por lei, a universidade não pode licitar uma obra sem ter o recurso. O problema é esse (inadimplência das empresas). E, claro, às vezes apostamos errado, em dar uma chance para uma certa empresa, que dá sinais de recuperação, porque isso é menos danoso para a obra do que romper o contrato. É sempre um dilema para o gestor.

JP – O senhor falou da Andifes. O que significou sua experiência ali para a gestão da UFG?

Edward – Foi um dos maiores privilégios da minha vida. Ali eu senti e entendi a força da universidade federal como agente de mudança no País como um todo. Dirigir um colegiado de reitores das mais diferentes partes do País, de universidades com as mais diferentes vocações e tamanhos foi um grande aprendizado. No convívio com os reitores e com os poderes. Diálogos com Tribunal de Contas da União, com ministros, com o presidente Lula, com o Congresso Nacional, com os mais diferentes atores me levaram a perceber com muita clareza essa força. A universidade não sabe da sua força, da sua respeitabilidade. A Andifes abre porta em qualquer local desse País e se a gente soubesse trabalhar isso, criaríamos um conceito, que hoje é uma utopia, mas que acho que devemos perseguir, o da Universidade Federal do Brasil. Seria a maior força existente no País. Quem congrega quase 100 mil docentes, 100 mil técnico-administrativos e mais de um milhão de estudantes. Imagine essa força toda voltada para o objetivo comum de promover o desenvolvimento do País. Seria o maior poder do País, a grande revolução viria por aí. A Andifes me fez perceber essa grandeza, que às vezes é um pouco difusa e que exploramos muito pouco. Trabalhos colaborativos entre universidades poderiam ser mais intensos. A gente aprende e ensina muito na relação com outras universidades. Talvez a maior experiência da minha vida foi ter dirigido a Andifes.

JP – Como o senhor chegou à presidência da Andifes?

Edward – Da mesma forma como na direção da Escola de Agronomia e na reitoria. Tudo começou com um convite do ex-reitor Arquimedes (Diógenes Ciloni, da UFU), pra que eu compusesse a diretoria executiva, na suplência da segunda vice-presidência (cargo número 5 na hierarquia da Andifes). Eu havia chegado ali há um ano. Sempre nesse espírito de colaboração, de aproximação e fortalecimento de vínculos. Daí, no ano seguinte, o presidente Amaro Lins (ex-reitor da UFPE e ex-secretário do Ensino Superior do MEC) me convidou para ser o primeiro vice-presidente. No outro ano, era o momento da minha reeleição na UFG, então não me candidatei na Andifes, mas quando voltei, já como reitor reeleito, os colegas me chamaram. Houve uma disputa e ganhamos por maioria (Edward venceu a professora Malvina

O CRESCIMENTO DA UFG EM NÚMEROS

980 MIL
reais foi o valor investido em assistência estudantil em 2009

13 MILHÕES
de reais foi o valor investido em 2013, crescimento de 1.200%

13 MIL
era o total de estudantes na graduação, em 2008

24 MIL
é o total de alunos hoje, em todos os campus

3,9 MIL
vagas eram oferecidas no vestibular, em 2008

6,3 MIL
vagas foram oferecidas no processo seletivo de 2013

O CRESCIMENTO DA UFG EM NÚMEROS

57
programas de pós-graduação foram implantados entre 2006 e 2013

1
mil trabalhos científicos foram publicados em 2006

6,3
mil publicações é o número do final de 2012

371
projetos foram cadastrados na Proec, em 2006

1.750
ações foram registradas na Proec em 2013

233
edificações foram licitadas e concluídas entre 2006 e 2013

Fonte: Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos (Prodirh)

Tuttman, da Unirio, com 61% dos votos). Depois, fiquei um ano fora da diretoria e, em 2012, aceitei convite de ficar mais um ano como primeiro vice-presidente. (As gestões na Andifes são de um ano. Nos oitos de reitorado, Edward ficou quatro anos na diretoria executiva da entidade).

JP – De oito anos para cá, o senhor tem disputado eleições. Partindo dessa experiência, como surgiu o projeto de tentar uma vaga na Câmara dos Deputados?

Edward – Não foi bem um projeto. Mais uma vez, as coisas foram acontecendo. Pessoas começaram a me estimular, dizendo que eu tenho jeito para a política, que eu deveria apresentar meu nome...

JP – Por parte de quem? Amigos, família?

Edward – Começa sempre no círculo mais próximo. As pessoas que estão na gestão e amigos fora da universidade. Isso foi crescendo. E como tudo, a gente vai tomando decisões por etapas. Cheguei num ponto em que me vi na responsabilidade de dar uma satisfação para essas pessoas, eu não teria o direito de não me credenciar e disputar uma eleição, tal a expectativa criada. Na universidade, uma instituição extremamente crítica e implacável com pessoas oportunistas, essa possibilidade poderia ser lida negativamente...

JP – O senhor já disputou eleição fora da universidade?

Edward – Não. Nunca havia nem me filiado a partido. Me filiei agora, em setembro, ao PT. E para minha grata surpresa, a universidade tem recebido isso com naturalidade. Pessoas acham que tomei uma boa decisão. Alguns torcem o nariz para o partido, o que é muito natural, a universidade tem pessoas de todas as vertentes, mas percebo que a receptividade tem sido muito boa. Então, se existe algum patrimônio eleitoral, eu devo me candidatar nas eleições de 2014. Mas é uma coisa na qual pensarei pra valer a partir de janeiro.

JP – O senhor pretende voltar à docência?

Edward – Já voltei. Na verdade nunca me afastei por completo. Nos oito anos de gestão, mantive minimamente minhas atividades na Escola de Agronomia, normalmente com uma manhã por semana na sala de aula. Então continuo, estou dando aula nesse semestre e, a partir de 6 de março, estarei lá para cumprir minhas obrigações docentes. E com muito prazer! É a parte mais divertida: a sala de aula.

JP – Muito obrigado pela entrevista. Deixe uma mensagem aos docentes, leitores do Jornal do Professor**.**

Edward – Vou deixar duas. Primeiro o mais sincero e profundo agradecimento a todos que, das suas formas, jeitos e condições contribuíram para que a universidade avançasse quanto avançou. As pessoas falam da UFG com muito orgulho. Isso é a melhor coisa para mim. A instituição é a minha vida. Estamos falando dos professores, ao **Jornal do Professor**, mas nos outros segmentos é da mesma forma. A outra é que, claro, além de desejar um ótimo 2014 e uma universidade cada vez mais forte, é que percebamos, todos nós, a nossa responsabilidade com o Estado e com o País, com nossos estudantes. Porque nós temos os ingredientes para fazer a grande transformação. Eu queria que todos percebessem a força que está nas nossas mãos. Que se desprendessem das pequenas coisas em prol dos projetos maiores. Trabalhar em rede, de forma colaborativa, para fortalecer a nossa independência, a nossa credibilidade e a nossa competência.

> “Se nós não tivermos reconhecimento da sociedade, quando tivermos um governo que não reconhece a importância da universidade, essa sociedade vai cruzar os braços e vai nos deixar afundar. A estratégia é trabalhar muito, se aproximar da sociedade para transformar uma política de governo em uma política de Estado”

Carlos Siqueira/Ascom UFG

Edward no Cepae: universidade mais próxima da sociedade

Adufg SINDICATO notícias

Fotos: Frederico Oliveira e Wéber Félix

Jantar de Fim de Ano da Adufg homenageia Luiz Gonzaga

Uma homenagem ao Centenário de Luiz Gonzaga foi tema do Jantar de Fim de Ano dos professores filiados à Adufg Sindicato em 2013. A confraternização foi realizada no Master Hall, no dia 06 de dezembro, e reuniu 400 convidados em ambiente de muita alegria e descontração. Os ritmos do forró, pagode, samba, bolero e pop-rock animaram os professores até a madrugada.

PRESTAÇÃO DE CONTAS - ADUFG SINDICATO - SETEMBRO/2013

Prest. de Contas - Adufg Sindicato do mês 09.2013	Valor R$
1- Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros	
1.1- Contribuição Associados - Mensalidades	214.259,77
1.2- Ingressos, Eventos e Festas	1.984,00
1.3- Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.452,15
1.4- Receitas Financeiras Líquidas	0,00
1.5- Outras Receitas	2.130,75
Total R$	**219.826,67**

2- Custos e Despesas Operacionais	
2.1- Despesas com Pessoal	
2.1.1- Salários e Ordenados	22.684,36
2.1.2- Encargos Sociais	29.872,22
2.1.3- Seguro de Vida	292,98
2.1.4- Outras Despesas com Pessoal	120,00
2.1.5- Ginastica Laboral	0,00
2.1.6- Repasse do emprétimo de funcionários	1.748,91
2.1.7- Férias e Rescisões	3.705,87
Total R$	**58.424,34**

2.2- Serviços Prestados por Terceiros	
2.2.1- Cessão de Uso de Software	1.324,84
2.2.2- Despesas com Correios	3.217,16
2.2.3- Energia Elétrica	941,42
2.2.4- Honorários Advocatícios	4.107,46
2.2.5- Honorários Contábeis	2.034,00
2.2.6- Locação de Equipamentos	450,00
2.2.7- Serviços Gráficos	0,00
2.2.8- Honorários de Auditoria	985,00
2.2.9- Tarifas Telefônicas e Internet	2.121,99
2.2.10- Conf. de Faixas/Adesivos/ Banner	192,00
2.2.11- Hospedagem e manutençao de site	720,00
2.2.12- Vigilância e Segurança	233,70
2.2.13- Comunicação/Rádio/TV/Jornal	1.360,00
2.2.14- Honorários Jornalísticos	2.374,65
2.2.15- Serviços de Informática	1.200,00
2.2.16- Outros Serviços de Terceiros	2.280,00
2.2.17- Agua e Esgoto	786,56
Total R$	**24.328,78**

2.3- Despesas Gerais	
2.3.1- Combustíveis e Lubrificantes	1.051,73
2.3.2- Despesas com Coral	3.739,59
2.3.3- Diária de Viagens	3.228,60
2.3.4- Tarifas Bancárias	152,25
2.3.5- Lanches e Refeições	849,23
2.3.6- Quintart	6.285,39
2.3.7- Patrocinios e doações	1.700,00
2.3.8- Manutenção de Veículos	358,00
2.3.9- Festa/Reuniões e Greves	2.055,84
2.3.10- Passagens Aéreas e Terrestres	2.080,80
2.3.11- Gêneros de Alimentação e Copa	551,93
2.3.12- Despesas com a Sede Campestre	2.750,88
2.3.13- Hospedagens Hotéis	0,00
2.3.14- Material de expediente	526,79
2.3.15- Festa Final de ano e natalinas	0,00
2.3.16- Outras despesas diversas	4.041,96
2.3.17- Manutenção e Conservação	454,67
2.3.18- Homenagens e Condecorações	0,00
2.3.19- Despesas com Sede Adm. Jataí	576,00
2.3.20- Despesas com curso de inf. para aposentados	380,00
2.3.21- Despesas com construção Sede Campestre	72.551,85
Total R$	**103.335,51**

2.4- Despesas Tributárias e Contribuições	
2.4.1- PIS s/ Folha de Pagto.	520,20
2.4.2- CUT-Central Única dos Trabalhadores	2.962,05
2.4.3- Proifes-Fórum de Professores	19.244,06
2.4.4- Outras Desp. Tribut. e Contribuições	949,73
Total R$	**23.676,04**

Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R$	**209.764,67**

3- Resultado do exercício 09.2013 (1-2)	**10.062,00**

4 - Atividades de Investimentos	
4.1- Imobilizado	
4.1.1- Construções e Edificações	44.322,99
4.1.2- Máquinas e Equipamentos	0,00
4.1.3- Veículos	0,00
4.1.4- Móveis e Utensílios	899,00
4.1.5- Computadores e Periféricos	494,00
4.1.6- Outras Imobilizações	0,00
Total R$	**45.715,99**

4.2- Intangível	
4.2.1- Programas de Computador	0,00
Total R$	0,00

Total Geral dos Investimentos R$	**45.715,99**

5- Resultado Geral do exercício 09.2013 (3-4)	**-35.653,99**

Os valores contidos neste relatório estão por Regime de Caixa

Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.

HONRARIAS À DEDICAÇÃO

2013 foi um ano de honrarias à comunidade universitária da UFG. Membros que se destacaram no ensino, pesquisa e extensão receberam homenagens. Pessoas da comunidade externa também foram lembrados. A Medalha UFG, criada para reconhecer o trabalho de egressos que se destacaram, e os títulos por causa honorífica (*honoris causa*) são exemplos.

Na última sessão do Consuni, autores de pesquisas de destaque nacional e internacional, entre novembro de 2012 e outubro de 2013, receberam certificado. Participaram docentes, estudantes e técnico-administrativos. Confira alguns dos homenageados pela Universidade Federal de Goiás neste ano.

BENEDITO FERREIRA MARQUES – FD

Ex-vice-reitor da UFG, o professor Benedito Marques iniciou sua carreira no magistério superior em 1973, na Universidade Católica de Goiás e em 1980 na UFG. Também foi bancário do Banco do Brasil, jurista e diretor da Faculdade de Direito – UFG.

GERALDO FARIA CAMPOS – CEPAE

Fotos: Ascom/UFG

Professor aposentado do Cepae, Geraldo Faria é querido por seus ex-alunos. Em seu tempo na UFG, nunca aplicou uma prova. O **JP** entrevistou o professor na edição de fevereiro de 2013.

HEITOR ROSA – FM

Estudante de Medicina, criou o primeiro jornal da instituição, o *De Jaleco*. Um dos criadores do Show do Esqueleto. Introduziu a endoscopia em Goiás. Participou da criação da pós-graduação, do Medicina em Concerto, e, no HC, criou a Comissão de Ética.

LUIZ FERNANDES DOURADO – FE

Aposentado, continua ministrando aulas como professor voluntário da Faculdade de Educação. Foi diretor da Secretaria de Educação Básica do MEC, ex-coordenador geral de Estatísticas Especiais do Inep, ex-secretário-adjunto da Anped, ex-diretor de Pesquisa da Anpae.

NÍLZIO ANTÔNIO DA SILVA – FM

Serviu junto ao extinto Inamps por mais de 10 anos. Teve importante atuação no programa de pós-graduação em Ciências da Saúde da UFG. Foi presidente da Sociedade Goiana de Reumatologia e da Sociedade Brasileira de Reumatologia.

Agraciados com a Medalha de Honra UFG

- Alfredo Saad Filho - Colégio de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - Cepae
- Ana Luiza de Souza Mendes - Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas - Face
- Arilson Martino Pereira - Instituto de Química - IQ
- Arthur Alfaix Assis - Faculdade de História - FH
- Carolina Machado dos Santos - Faculdade de Ciências Sociais - FCS
- Cristina Aparecida Borges Pereira Laval - Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública - IPTSP
- Emival Machado - Indicação da Reitoria
- Francisco de Assis Mendonça - Instituto de Estudos Socioambientais - Iesa
- Gabriel de Melo Neto - Câmpus Catalão
- Graciara Matos de Azevedo - Faculdade de Odontologia - FO
- Guilherme Pereira Gaebler - Instituto de Informática - INF
- Humberto de Freitas Machado - Câmpus Jataí
- João Neder - Indicação da Reitoria
- Júnior Divino Fideles - Câmpus Cidade de Goiás
- Keila Cristiana do Nascimento Silva - Faculdade de Educação Física - FEF
- Maria Aparecida de Siqueira - Faculdade de Educação - FE
- Maria Eunice Suares Barboza - Faculdade de Informação e Comunicação - FIC
- Maria Luiza Batista Bretas - Faculdade de Letras - FL
- Marshal Gaioso Pinto - Escola de Música e Artes Cênicas - Emac
- Olivia Vieira da Silva - Faculdade de Enfermagem - FEN
- Otaciro Rangel Nascimento - Instituto de Física - IF
- Patrícia Constante Jaime - Faculdade de Nutrição - Fanut
- Regina da Silva Neves - Instituto de Matemática e Estatística - IME
- Reginaldo de Aquino Porto - Escola de Engenharia Civil - EEC
- Reynaldo Rocha - Indicação da Reitoria
- Rogério Augusto Bremm Soares - Escola de Agronomia - EA
- Rosa Maria Silva Vasconcelos - Faculdade de Farmácia - FF
- Rosângela Almeida Chaves - Faculdade de Filosofia - Fafil
- Sebastião de Oliveira Castro Filho - Faculdade de Direito - FD
- Victor Lemes Landeiro - Instituto de Ciência Biológicas - ICB
- Dom Waldemar Passini Dalbello - Escola de Engenharia Elétrica, Mecânica e de Computação – EMC

Placa em homenagem ao professor Geraldo Francisco do Amaral, no CentroHumor, núcleo criado pelo docente na FM.

HONORIS CAUSA

• **Bariani Ortenci** • **Hélio Naves**

SERVIDOR EMÉRITO

• **Winston Garcia** – Departamento de Pessoal. O segundo servidor emérito da história da UFG. Winston começou a trabalhar na UFG em 1978, no Departamento de Pessoal.

FRANCISCO CHAGAS RABELO

Um sociólogo por vocação

Como o professor mais antigo das Ciências Sociais contribuiu para a compreensão do pensamento moderno em Goiás

Anos mais tarde, a Sociologia viria apenas refinar o olhar azul-atento daquela criança que a tudo observava. A roça, o sertão cearense, o comportamento dos adultos, principalmente o dos pais, tão marcado pelo catolicismo. O mundo ao redor era um mundo de dúvidas. A década era 50 e desde então Francisco Chagas Evangelista Rabelo não parou mais de perguntar.

Hoje, aos 66 anos, 44 dos quais dedicados às Ciências Sociais, Chico é o professor mais antigo da Faculdade de Ciências Sociais. Fato que, ao contrário do que sugere o óbvio, não lhe cristalizou certezas. Embora já tenha tempo de trabalho suficiente para aposentar-se, o planeja fazer só em 2015. "Ainda estou na universidade porque não parei de interrogar", diz.

Aposentar-se significaria parar de questionar? — indagamos. Chico aponta aos cantos os olhos agudos, movimento silencioso que precede suas falas, jamais irrefletidas. "Entro num momento da minha vida em que não posso projetar muito mais... Espero que a vontade de viver permaneça intacta. Se permanecer, os questionamentos e as buscas continuarão". Sorri.

Naquela família camponesa nordestina, o misticismo, a repressão e os costumes cristãos eram uma inesgotável fonte de dúvidas. O pai, como um reflexo de Deus, tinha lugar reservado à mesa, que mesmo com ele ausente ninguém poderia ocupar. "Que entidades eram aquelas, que perseguiam e protegiam ao mesmo tempo?", rememora.

Respostas que lhe davam eram as disponíveis, quase sempre da Bíblia ou da experiência de um parente que tivesse viajado. "Talvez por isso eu tenha buscado os livros". Aí, Chico mergulhou nos universos de Jorge Amado, José Lins do Rego, na prosa e na poesia brasileiras.

> "Para que ainda possamos falar como cientistas sociais, vamos ter que trabalhar muito mais que a minha geração"

E descobriu outros mundos possíveis. Foi o que talvez lhe tenha habilitado a ser um sociólogo versátil: trafegou por temas como ciência política, sociologia da ciência, educação, violência, sociologia rural e, claro, sociologia da religião. "Eu seria sociólogo mesmo que não o fosse", diz, gargalhando.

Metassociologia

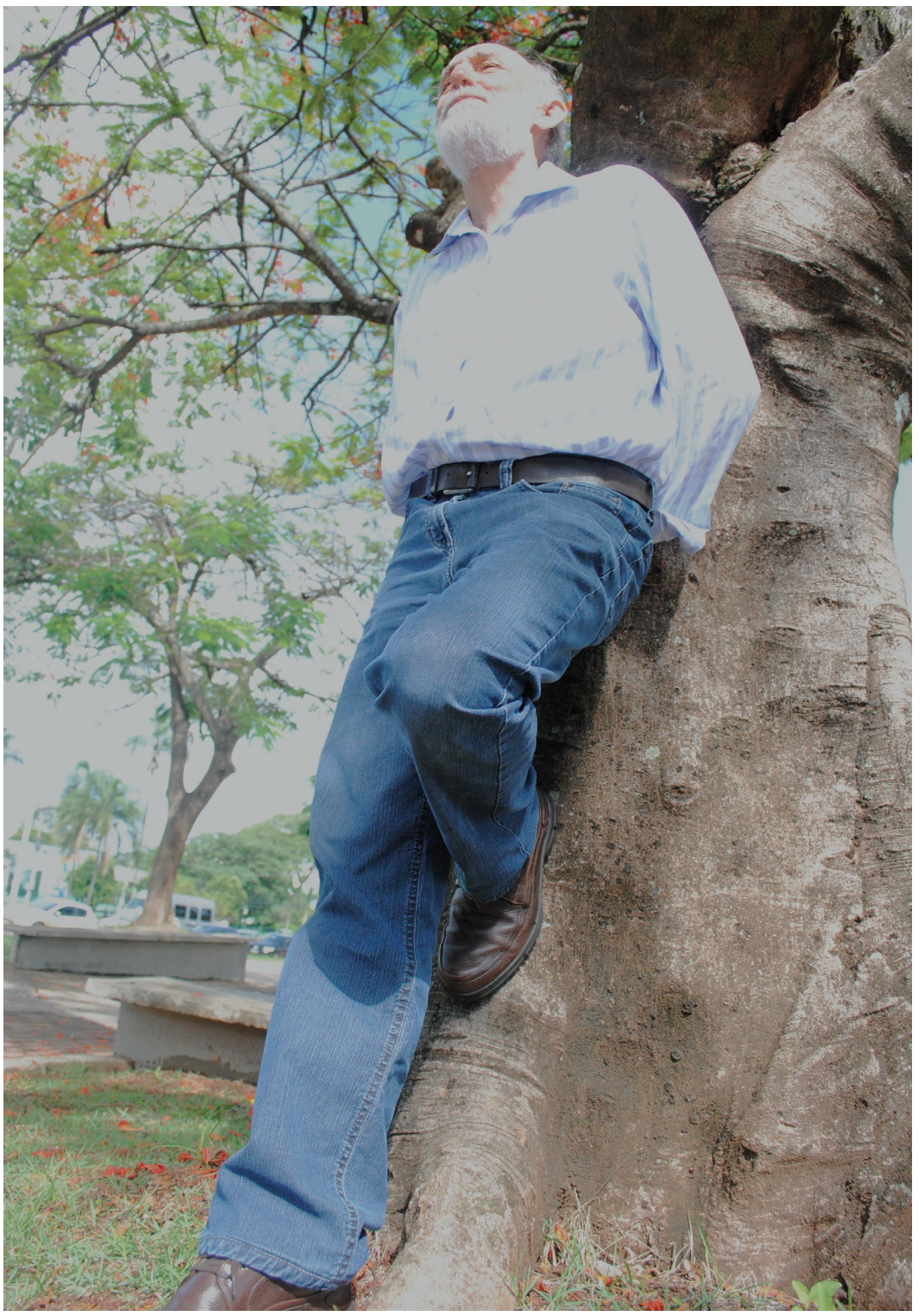
Graduado pela quinta turma de Ciências Sociais da UFG, no final dos anos 60, e mestre pela UFMG, a cabeça de Chico borbulhou em questionamentos no doutorado: da observação de colegas docentes, e também da autocrítica, perguntou-se: por que essa preocupação tão decisiva sobre Goiás?

Levantou dissertações, teses, biografias, autobiografias e obras literárias de pesquisadores e escritores para compreender esse mundo goiano. "Cultivava-se a ideia de que vivíamos numa área muito marcada pela experiência rural", lembra o professor. Mas o contato com esse material o permitiu ver que não era bem isso.

"Havia uma diversidade muito grande, visões de mundo sendo construídas. Construí um organograma das grandes visões, que esse material me proporcionou. Até chegar à constatação de que havia uma busca do urbano. Na verdade o que queriam era que o Estado de Goiás acompanhasse a dinâmica do sudeste, era isso que nos movia, a mim inclusive", lembra.

Resultado: com a tese "O Programa Forte em Sociologia da Ciência – Um estudo de caso", defendida em 1993, Chico mediu e sistematizou a participação de intelectuais no processo de formação do pensamento moderno em Goiás.

Macloys Aquino



Chico Rabelo, na Praça Universitária, em Goiânia: "Eu seria sociólogo mesmo que não o fosse"

Cai monopólio de um conhecimento

O futuro não deve ser construído com os alicerces do passado, defende Chico Rabelo. Daí que ele não se julga habilitado a previsões. "O fato de eu estar envolvido nas Ciências Sociais há mais de 40 anos não me assegura muita coisa", diz, modesto. Mesmo assim, arrisca: "Penso que vamos ter que conviver com o fato de que cada vez mais a Sociologia será apropriada por várias pessoas situadas nos grupos mais diversos", afirma.

"Para que professores e pesquisadores ainda possam falar como cientistas sociais, vamos ter de trabalhar muito mais do que a minha geração trabalhou. Para fazer a diferença com, por exemplo, jornalistas que fazem bons trabalhos do ponto de vista sociológico. Com pastores religiosos, que hoje fazem suas pregações levando em consideração a visão realista que as Ciências Sociais ajudaram a gestar. Será uma tarefa complicada aos pesquisadores, de lidar com a ideia de que não há monopólio desse conhecimento".

Análise positiva do momento da universidade

Chico Rabelo comentou a última edição do **JP**, que trouxe reportagem especial sobre as más condições de trabalho na UFG. Ele concorda com a crítica de que o crescimento extraordinário se deu à revelia de qualidade, mas ressalta que nunca houve tanta proximidade entre universidade e sociedade.

"Hoje podemos dizer que o abismo entre sociedade e universidade não é tão grande, como não é grande o abismo entre religião e conhecimento científico. O crescimento da universidade não se dá em separado (da sociedade, do mercado), então vejo esse momento como muito positivo". O que não significa, observa, que não vá haver conflitos.

"Existiria o movimento dos professores nos anos 80 (primeira grande greve) se não fosse resultado do crescimento anterior?", questiona, citando a grande reforma dos anos 70, operada pelos governos ditatoriais. "Por que é que eu estava no movimento de 80? Eu não pertencia à elite que dizia que 'professor não deve fazer greve, que nosso status não pemite", lembra.